



Retiro online - Advento 2024 com S. Teresa de Lisieux «Acolher Deus como as crianças»

Evangelho de Jesus-Cristo segundo são Lucas (3,10-18)

Naquele tempo, as multidões que tinham sido batizadas por João Batista perguntaram a Jesus: «Que devemos fazer, então?». Ele respondeu-lhes: «Quem tem duas túnicas partilhe com quem não tem nenhuma, e quem tem alimentos faça o mesmo». Vieram também alguns publicanos para serem batizados e disseram-lhe: «Mestre, que devemos fazer?». Ele respondeu-lhes: «Não exijais mais do que aquilo que vos foi estipulado». Também os soldados lhe perguntavam: «E nós, que devemos fazer?». Ele respondeu-lhes: «Não tireis nada a ninguém nem façais denúncias falsas, e contentai-vos com o vosso soldo». Como o povo estava na expectativa, e todos pensavam no seu coração se João não seria o Cristo, João tomou a palavra e disse a todos: «Eu batizo-vos na água, mas está a chegar Aquele que é mais forte do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias: Ele batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo. Tem na mão a pá para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; a palha, porém, queimá-la-á num fogo que não se apaga». E com estas e muitas outras exortações anunciava ao povo a Boa Nova.»

Que devemos fazer?

Esta é a grande questão que a multidão, publicanos e soldados colocam, confusos, a João Batista, quando vão ter com ele ao Jordão, para serem batizados. O que o Profeta lhes recomenda está diretamente em linha com a tradição judaica, uma tradição muito nobre que fixa as regras de conduta para que cada um seja benevolente com o seu próximo como deve ser em relação a si mesmo. No entanto, este batismo de conversão, anunciado por João, não tem o mesmo alcance daquele que Cristo pretende instaurar: Ele, de quem João Batista diz não ser digno de desatar a correia das sandálias, Ele que vem depois de João, mas é mais forte do que Ele, batizará a todos os que quiserem ser batizados não apenas em água, mas **«no Espírito Santo e no fogo»**; o que nós poderíamos traduzir pelo fogo do Espírito Santo. Aqui está a Boa Nova que João Batista anuncia e que dá fundamento à nossa alegria neste domingo, a que chamamos, na tradição da Igreja, Gaudete, **«Domingo da Alegria»**. Este é um termo retirado de uma antiga abertura da missa do dia:



«*Alegrai-vos sempre no Senhor; repito: Alegrai-vos!*» (Fil 4,4). *A alegria interior à qual somos convidados provém do Evangelho ou, dito de outra maneira, desta «Boa Nova» de um Deus que nos vem pessoalmente purificar os corações*, se a isso nos dispusermos, pela única condição exigida: a da fé! Porque aos fariseus, que também lhe perguntaram o que devem fazer para trabalhar na obra de Deus, Jesus responderá: «*A obra de Deus é esta: que acrediteis no Evangelho e naquele que Ele enviou, Jesus Cristo*» (Jo 6,29). Esta é a Boa Nova e o fundamento de toda a nossa alegria: a vinda até nós Daquele, cujo nascimento celebraremos em breve, Cristo Senhor. Ele é a própria Boa Nova, não há outra mais profunda e incrível do que esta: Deus decidiu habitar pessoalmente entre nós! Mais ainda: decidiu habitar em cada um de nós, se a Ele aderirmos pela fé.

A fé: um tesouro a acolher

O Deus de Jesus Cristo coloca-se ao alcance dos homens; torna-se-nos muito próximo, acessível, para que livremente decidamos acolhê-Lo ou rejeitá-Lo. É este o poder que a liberdade humana possui. Em Jesus, Deus oferece-Se ao acolhimento ou à rejeição da Sua criatura: do nosso acolhimento, se formos suficientemente pobres, pequenos, numa palavra, suficientemente crianças para receber o Reino que nos é graciosamente oferecido pelo dom que Deus faz de Si mesmo no Menino do presépio; ou da nossa rejeição, se o homem se fecha ao Seu Amor... e então ficaria nas trevas do seu orgulho e egoísmo, em vez de acolher a luz da graça que poderia libertá-lo do mal e dar-lhe a paz. «Quem não acolher o Reino de Deus como uma criança não entrará nele.» (Mc 10,15).

O Evangelho é formal: cabe a Deus dar-Se e ao homem recebê-Lo. Trata-se de consentir em acolher o Reino que se quer estabelecer em nós, no íntimo do nosso coração, pela graça do Espírito Santo. É disto precisamente que se trata, recorda-nos Teresinha incessantemente, e por isto pode ser chamada, como Santo Agostinho, Doutora da graça. Porque a porta de entrada que conduz à vida do Reino não se pode arrombar, nem ganhar pelos nossos méritos ou virtudes, nem adquirir por meio destas ou daquelas técnicas ou práticas. Não: a salvação é uma graça, um presente, um dom imerecido que devemos acolher com a mesma simplicidade, com a mesma confiança e a mesma dependência com que uma criança recebe dos seus pais tudo o que lhe é necessário para viver e crescer. Trata-se de uma pequenez tão necessária que constitui o fundamento de todo o caminho da infância espiritual da mais jovem Doutora da Igreja. São Paulo, nas suas cartas apostólicas, não cessa de recordar que também o homem carnal, ou seja, o homem pecador abandonado a si mesmo, é incapaz de adquirir, pelas suas próprias forças naturais, a justiça do Reino e a vida eterna. Deus quer concedê-los gratuitamente, mediante o acolhimento da graça que a vontade humana é também capaz de acolher ou recusar. *A fé é este «sim» ao dom de Deus graciosamente oferecido.* Nela o homem aceita receber tudo das mãos de Deus e entregar-se à sua santa vontade que o chama. A fé é dom, acolhimento, dom de si confiante e assim «*justificação*», «*salvação*». Teresa é discípula do apóstolo das nações e de toda a tradição apostólica depois dele. O grande teólogo, Louis Bouyer, pôde dizer que a doutrina do caminho da infância ilustrava perfeitamente



a da justificação pela fé, que tinha sido tão bem definida pelo Concílio de Trento.

O Catecismo da Igreja Católica, que se inscreve na pura tradição católica e nos atos conciliares que a precederam, recorda o que entende por este termo: *«A justificação é (...) o acolhimento da justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo. Justiça designa aqui a retidão do amor divino. Pela justificação, a fé, a esperança e a caridade são derramadas nos nossos corações e é concedida a obediência à vontade divina»* (§ 1999). Podemos dizê-lo de outra forma: a nossa justiça é gratuita. Mesmo quando ela depender das nossas obras, estas não terão a sua origem no fundo de nós próprios, mas da misericórdia divina que abundantemente concede a graça para que as pratiquemos. O princípio radical requerido por qualquer mérito ligado às nossas obras é, portanto, o dom original da graça divina, ou seja, a Sua caridade em nós. A nossa justificação implica colaboração da nossa parte; no entanto, a razão pela qual podemos colaborar com Deus é, na origem, o dom da graça divina. Por isso, São Paulo dirá que nunca somos justificados pelas nossas próprias obras, que permanecem como dons gratuitos, pois o princípio primário é a graça e esta vem somente de Deus. *Embora a atividade da fé seja certamente nossa, o poder de a realizar procede e é-nos dado do Alto e requer a necessária e livre ação do Espírito Santo.* A Terceira Pessoa da Trindade terá sempre a primazia sobre nós. A nossa justiça é tão simultaneamente nossa como é dádiva de Outro. Dito de outra forma, a nossa fé tem tanto de consentimento pessoal, livre e voluntário, como do Espírito criador que está presente e atuante nos nossos corações. O Espírito Santo, que está na origem da nossa fé, é necessário ao longo de toda a nossa vida cristã para fazer com que ela produza as obras da fé. Estamos sempre dependentes deste Espírito vivificante que entrou em nós pelo dom da fé. Para permanecer viva, esta deve ser, segundo a palavra de São Paulo, *«a fé que atua pelo amor»* (Gl 5,6) para nos fazer produzir frutos simplesmente por permanecermos unidos ao Espírito, tal como acontece com a árvore que só pode dar frutos se receber do tronco a seiva que a anima.

«Tudo é graça»

É por isso que é preciso compreender a expressão de Teresa do Menino Jesus: «tudo é graça», de quem um dos melhores exegetas, comentando o conceito de santidade segundo a santa de Lisieux, diz que «tudo tem ação prévia de Deus amor. [...] Visto que, no universo espiritual, tal como o concebe Teresa, a iniciativa pertence inevitavelmente a Deus, o primeiro momento de uma caminhada para a santidade não pode ser senão uma «disposição do coração» - são as próprias palavras de Teresa na enfermaria, a 3 de agosto de 1897 - que nos faz aderir a esta iniciativa divina. E, tal como nunca toca a hora para que aconteça algo que não seja pela graça de Deus, também nunca deverá soar a hora em que a alma, ávida de santidade, se desdobre num esforço pessoal para a ordenar como queira e colocar em si mesma a confiança» (André Combes, Introduction à la spiritualité de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, Vrin, 1946, p. 279). Teresinha exprime essa intuição fundamental, através da imagem do ascensor, que se encontra no início do Manuscrito C: ela pôde observar nos hotéis onde ficara com o pai e irmã Celina, durante a peregrinação a Roma, esta nova invenção que poupa o esforço de «subir os degraus de uma escada» (Ms C 3 rº). Paradoxalmente, foi ao subir a escada da casa dos Buissonnets para tirar o chapéu e depois ir abrir os presentes dessa noite de Natal de 1886, que ela ouviu as palavras do seu querido pai, que lhe «cortaram o coração»: «Enfim, ainda bem que é o último ano!...», dizia o pai que, sem dúvida tinha mais vontade de ir para a cama do que assistir às infantilidades da sua mais nova... Comprendemos que Celina, conhecendo a extrema sensibilidade da irmã, a tenha aconselhado então



a ir para o quarto: *«Ó Teresa!, disse-me ela, não desças já; sofrerias imenso se fosses agora ver os teus sapatos».* *«Mas, continua a santa, a Teresa já não era a mesma; Jesus tinha-lhe mudado o coração!»* Com ela, a escada da perfeição, que era preciso subir, vai dar lugar ao ascensor do Espírito Santo... Teresa, de facto, como ela mesma conta (Ms C, 3 vº), queria descobrir um ascensor espiritual que lhe permitisse *«elevar-se até Jesus»*, pois só via diante de si o chamamento a «subir a rude escada da perfeição» (ibid). Sabemos que Teresa tem sempre diante de si o objeto dos seus desejos, a santidade. Mas, para ela, esta consiste em se «elevar até Jesus», como referiu à sua irmã, Madre Inês, pouco antes de morrer: *«A santidade não está nesta ou naquela prática»* (Caderno Amarelo 3.8.2). *A santidade está efetivamente na união íntima e duradoura com Jesus, porque só Ele é santo e nos santifica.* Dito de outra forma, a santidade é o coração de Jesus e o seu Amor incandescente pelos homens; Jesus desceu - e esta palavra muitas vezes aparece pela pena de Teresa para designar a Encarnação do Verbo – desceu para viver entre nós, para nos levar com Ele à glória. Afinal, não é necessário subir, pois Jesus desceu! Por isso, Teresa torna-nos parte do seu *«eureka»* místico, dessa descoberta providencial que nunca cessa de renovar a abordagem e a compreensão da vida cristã: *«O ascensor que me há de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus!»* (Ms A 3 rº). Basta deixar-se levar neles, o que parece simples. No entanto, dirá ainda Teresa, *«isso é que é difícil»* porque, para deixar que isso aconteça é preciso ser-se pequeno, com a pobreza de espírito que o próprio Jesus colocou na primeira linha das suas bem-aventuranças, como um pórtico de entrada: a dos *«Pobres do coração»*, porque nos abre o seu Reino aqui e agora. Teresa previne-nos disso quando confessa *«não precisar de crescer»*, mas sim ser *«preciso que eu permaneça pequena, e que me torne cada vez mais pequena»* (ibid.). *O pequeno caminho de Teresa, como é comumente chamado, retoma assim a teologia de São Paulo e toda a tradição do Magistério da Igreja, pois consiste em dizer-nos que não se trata de forma nenhuma de nos elevarmos para encontrar Cristo e a sua santidade, mas sim de O deixar descer até nós para em nós permanecer e nos transformar Nele, pela ação do seu Espírito e pelo consentimento da nossa vontade. A disposição que se requer, portanto, é uma atitude constante de humildade - Teresa chamar-lhe-ia antes «pequenez» - para deixar que Deus estabeleça a Sua morada em nós e prossiga a Sua obra de conversão, tal como «o fogo, que transforma em si próprio todas as coisas»* (Ato de Oferecimento).

Pistas para a semana

A minha fé é sinónimo de alegria interior? Cristo é verdadeiramente a Boa Nova da minha vida? Estou disponível para o dom que Deus me faz de Si mesmo? Ou procuro antes que Ele me ame, em vez de eu acolher o Reino na simplicidade de um coração de criança? Que me inspira esta frase: *«A santidade não está nesta ou naquela prática; consiste antes numa disposição do coração que nos torna humildes e pequenos nos braços de Deus, conscientes da nossa fraqueza, e confiantes até à audácia na sua bondade de Pai»* (Uma frase de Teresa registada pela Madre Inês de Jesus nas Novíssima Verba de 3 de agosto de 1897. Só se encontra nas notas dos Últimos Conselhos e Recomendações das Obras Completas de Teresa, embora pareça resumir bem o fundamento do *«pequeno caminho»*).

Frei Jean-Gabriel RUEG,
ocd (convento de Toulouse)



Segunda-feira, 16 de dezembro: Olhar o meu próximo com caridade

«Oráculo do homem de olhar penetrante; oráculo do que escuta as palavras de Deus, que tem a visão do Onnipotente, que se prostra, mas de olhos abertos» (Nm 24,4)

«Não desejava outro olhar senão o de Jesus» (Ct 176)

Aprendo a olhar o próximo com ternura e amor, a vê-lo através da realidade da sua vida, consciente de que ele também é filho de Deus.



Terça-feira, 17 de dezembro: Contemplar o Amor de Deus

«Genealogia de Jesus, filho de David, filho de Abraão» (Mt 1,1)

«Lembra-Te da glória do Pai, lembra-Te dos esplendores divinos que deixaste ao exilar-Te na terra para resgatar os pobres pecadores» (PN 24,1)

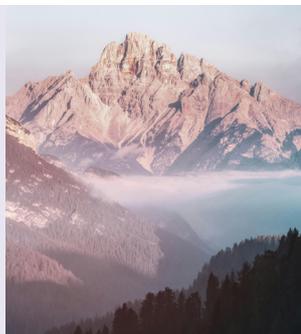
Hoje dou graças, agradeço a Jesus por ter ido tão longe, a ponto de assumir a nossa condição humana, ferida pelo pecado. Contemplo este seu louco amor.

Quarta-feira, 18 de dezembro: Os pais Maria e José

«José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois O que ela concebeu é obra do Espírito Santo» (Mt 1,20)

«Quando S. José ignora o prodígio que com a tua humildade querias ocultar, deixá-lo chorar junto ao Tabernáculo que esconde a divina beleza do Senhor!... Oh! Como eu amo, Maria, o teu silêncio eloquente» (PN 54, 8)

Com Santa Maria e São José, aprendo a abrir espaço no meu coração para receber Aquele que vem.



Jeudi 19 décembre : Apprendre à l'écouter

«Zacarias ficou perturbado e encheu-se de temor. Mas o anjo disse-lhe: "Não temas, Zacarias: a tua súplica foi atendida. Isabel, tua esposa, vai dar-te um filho"» (Lc 1,12)

«Ah! O Senhor é tão bom para mim, que me é impossível temê-lo. Sempre me deu o que desejava, ou antes, fez-me desejar o que me queria dar» (Ms C 31rº)

Hoje tiro um tempo para ouvir os desejos profundos do meu coração e peço-os a Jesus para o Natal.

Sexta-feira, 20 de dezembro: «Eis a serva do Senhor»

«Maria disse então: "Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra"» (Lc 1,38)

«Oh! Amo-te, Maria, quando te dizes a serva do Deus que tu deslumbras com a tua humildade. Esta virtude oculta torna-te onipotente, atrai ao teu coração a Santíssima Trindade. Então, o Espírito de Amor, cobrindo-te com a Sua sombra, o Filho igual ao Pai em ti encarnou... Grande será o número dos seus irmãos pecadores, já que se Lhe há de chamar: Jesus, o teu primogénito!...» (PN 54, 4)

Aproveito a oportunidade para prestar serviço ao meu próximo num gesto desinteressado, imbuído de fraternidade.



Sábado, 21 de dezembro: Amar, tanto nas grandes como nas pequenas ações

«Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel» (Lc 1,39-40)

«Não te inquietes, Maria, com o trabalho de cada dia porque o teu ofício nesta vida deve ser unicamente: "O Amor!" Mas se alguém vem repetir-te que as tuas obras se não veem, poderás dizer: "Eu amo muito. Eis a minha riqueza na terra!..."» (P 13,15-16)

Hoje faço o que tenho de fazer com todo o amor do meu coração.